

## Analista-analisante: O sono e o sonho

*Durante o trabalho psicanalítico, percebi que a disposição psíquica do homem que reflete é totalmente diferente daquela do homem que observa seus processos psíquicos...*

Freud, 1900

Foi no texto *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019) que entramos em contato com a existência do inconsciente e com a potência da psicanálise; o sonho construiu este campo, uma vez que foi tomado por Freud como a via régia para o inconsciente e também como realização de desejo.

O sonho precisa de um sonhador que decifre seus elementos cifrados, aglomerados e retalhados. O caráter enigmático do sonho está presente também nas partes representadas por uma ideia patológica inserida no sonho, no entanto, nenhuma interpretação na construção do sonho pode despertar ou interromper o sono (p. 273). Quando a psique sofre perturbações da realidade em intensidades suportáveis, insere no sonho uma interpretação mais própria para a situação desejada, excluindo a realidade da sensação. Assim, podemos pensar que o sonho é também uma interpretação do estado atual das sensações somáticas e, principalmente, será uma melhor interpretação quando vinculada aos “impulsos de desejos à espreita na psique” (p. 274), sejam estímulos nervosos externos, sejam estímulos somáticos, o resultado será o sonhar que inescapavelmente despertará um desejo para realizá-lo. A formação do sonho tem uma finalidade, “tudo é determinado de modo inequívoco, e nada é entregue à arbitrariedade” (p. 274).

Na intimidade da experiência analítica,

o par analista-analisante é tomado por sentimentos, afetos e emoções produzidos pelo encontro, desencadeados pela tempestade do encontro entre duas pessoas. A transferência e a contratransferência criam e matizam o vínculo analítico, ultrapassando as comunicações verbais. No processo de análise ocorrem fenômenos que demandam tempo para serem compreendidos, por exemplo: o sono do analisante ou do analista, o entorpecimento, os olhos pesados, as falas pastosas, assim como a impossibilidade de sonhar, eventos que se dão no espaço e no tempo da análise e que nos convocam à reflexão.

Por outro lado, como já dissemos, é o sonho que mantém o sono e evita que ele seja perturbado; o sonhar, sendo um trabalho de transformação, reflete a capacidade simbólica de uma pessoa.

Neste sentido, Kaës (2002/2004), acompanhado de outros autores que pensaram sobre a atividade onírica, traz a noção de “envoltório onírico do tratamento no espaço da transferência e da contratransferência” (p. 25), em que a capacidade de sonhar está diretamente relacionada à qualidade desse espaço, no qual os conteúdos simbólicos estariam em sintonia entre os sonhos do analisante e os do analista.

Ele compreende que há uma relação entre transferência e sonho, não só porque a trans-

ferência “implica um espaço psíquico compartilhado” (p. 111), como também compartilha o movimento regressivo como possibilidade de realizar os desejos inconscientes infantis, mas, principalmente, pela ideia de um destinatário. Uma vez que a transferência e o sonho comunicam pensamento, o analisante/sonhador se organiza para transmiti-lo ao destinatário. Quando o sonho “ganha no mínimo um duplo sentido, o de ser uma produção própria do sonhador e o de incluir algo do outro em sua arquitetura” (p. 111) Kaës chama este processo de “polifonia do sonho”. Os sonhos dos analistas também têm seus destinatários carregados de amor e de ódio em relação a alguns analisantes. O autor discute a capacidade de restauração narcísica do analista através do sonho e, sobretudo, exemplifica como o sonho pode ser uma forma de sair da identificação em espelho, diz ele:

a formação do espaço onírico comum repousa sobre a identificação: sobre a minha identificação com seu objeto enlutado, com sua impotência. Meu sonho é minha maneira de fazer retornar o impensado compartilhado sobre uma cena onde ele se torne figurável, e de sair da identificação em espelho [...]. (p. 113)

Ele propõe uma reconstrução do “vínculo intersubjetivo” (p. 113) reestruturando as funções psíquicas internas para que o analista e o analisante voltem a sonhar.

Nesta seção de **Vórtice**, Marga Stahr (Lima) desenvolve uma das possibilidades para as dificuldades de sonhar que vem surgindo na psicanálise contemporânea. Mostra que certas circunstâncias de nossa cultura podem levar ao colapso do mundo interno, propondo para a psicanálise uma renovação de seu interesse pelo sonho. Desta vez, não como uma interpretação do inconsciente – como em Freud –, mas como um fortalecimento da ca-

pacidade de sonhar. Ela aborda situações rotineiras, mudanças de época e aspectos clínicos ligados ao fenômeno do sonhar, ou o esvaziamento do sonho.

O texto de Ana Valeska Maia Magalhães (Fortaleza) traz reflexões sobre o sono, o sonho e o sonhar. Com uma escrita essencialmente poética e delicada, expressa o poder evocativo do sonho e recorre a memórias da própria infância, em imagens singelas e carregadas de afeto, para comunicar a força reveladora do sonho, ao mesmo tempo nova e muito antiga. Em suas palavras, *nova* porque tem uma face nunca antes vista, e *antiga* porque carrega o ancestral, a própria história da humanidade. Ana Valeska Maia Magalhães recheia suas reflexões com material clínico com o qual ilustra a experiência da dupla analítica com os sonhos sonhados, os não-sonhos e com o trabalho de sonhar os sonhos não sonhados. E dos momentos em que a “analgesia preventiva” das sessões reduz o espaço de pensar. Perde-se, então, a vivacidade da intimidade emocional vivida por analista e analisante. A autora deixa a indagação: Como pensar/sonhar o futuro coletivo e restituir os liames com a tradição onírica? Vai buscar na proposta freudiana um caminho para resgatar o sonho e “perturbar o sono do mundo”.

Parece-nos interessante o enfoque no trabalho psicanalítico fora do consultório abordado pelo colega Gabriel Finquelievich (Buenos Aires). Também o fato de pensar sobre isso em relação à formação psicanalítica. Parte da ideia sobre a capacidade simbólica e o vínculo – ou a falta dele – na capacidade representativa e o que disto se relaciona com a situação traumática, com o desdobramento tanático de uma pulsão não ligada. Neste caso, o trauma grupal e o manejo dentro das instituições. O autor enfoca a validade da psicanálise como instrumento clínico para além do consultório. Para isso, descreve sua experiência em diferentes instituições assistenciais de atendimento onde ajudou a

\* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

conter as ansiedades causadas pela covid-19. O autor postula que, assim como o inconsciente, a transferência e a contratransferência também são fenômenos que surgem em situações sociais desorganizadoras e requerem um enquadre analítico – seja individual ou grupal – que os atenda. Desenvolve desta maneira uma análise do adormecimento como defesa frente a situações de angústia extrema.

O texto de Alexis Schreck (Cidade do México) aborda teorias contemporâneas em relação ao sono e ao sonho, diferenciando o campo da neurose do campo da psicose, a partir do vértice da melancolia. O artigo está bem documentado, e apresenta sucintamente diversas contribuições de autores contemporâneos em relação ao sono. Isso serve de base para suas reflexões sobre a vinheta clínica com a qual ilustra suas abordagens, que nos parece suficiente para exemplificar as ideias pelas quais ele conduz o leitor. Nesse caso, a partir do tema do sonho, o trabalho abre uma reflexão para a clínica e para o conflito melancólico, numa perspectiva transferencial.

Em um texto em que nos propõe entrar no vértice da clínica psicanalítica, Miguel Sayad (Rio de Janeiro) escreve sobre experiências vividas entre o analista e o analisante, apresentando-nos uma clínica viva, vibrante – em suas palavras –, de alta intensidade e de diferentes tensões. O vivido conjuntamente transforma, em seu percurso, analisando e analista. É uma viagem ao outro, como sugere o autor, recorrendo a Goethe. Sayad propõe que ao analista cabe se deixar entrar nesse vértice para dele sair renovado e íntegro, passando pela experiência de desintegração do analisante e oferecendo a ele uma nova experiência de si mesmo. Muda assim a direção do escoamento de emoções tão intensas que acontecem na emergência do encontro.

O autor relembra as recomendações de Freud sobre o método e a técnica analítica e a teoria das funções de Bion para discorrer sobre a vigília do analista e os dilemas da so-

lôncia e do sono na sessão. Traz exemplos clínicos de sonho, cegueira e sono para defender que o ato psicanalítico acolhe a turbulência emocional e cria o espaço para que pensamentos sejam pensados e emoções sejam sentidas pela dupla.

Boa leitura!

### Referências

- Freud, S. (2019). *A interpretação dos sonhos*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900).  
Kaës, R. (2004). *A polifonia do sonho: A experiência onírica comum e compartilhada*. Ideias & Letras. (Trabalho original publicado em 2002).

